Acervo ISA

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Liberal **Class.:** Terra / Demarcação

Data: 6 de Dezembro de 1992 **Pg.:** 233

Indígenas exigem terras demarcadas

Representando cerca de 3[illegible] mil índios do Pará, Amapá e Maranhão, 40 lideranças espirituais indígenas participa[illegible]ão hoje à noite de um show no [illegible]entro Arquitetônico de Nazaré (CAN), a partir das 19 horas, marcando o lançamento da campanha pela demarcação das terras indígenas na Amazônia - "Terra Demarcada, Vida Preservada" - e os 500 anos de resistência indígena, negra e popular nas Américas.

Hospedados no Tabor, em Icoaraci, os índios debateram, ontem pela manhã, a problemática das nações indígenas na região. O padre Nello Ruffaldi, do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), que coordenava a reunião, falou em nome dos índios explicando que apesar da Constituição de 1988 determinar que todas as áreas indígenas no Brasil deveriam estar demarcadas até outubro de 1993, até agora ainda existem 16 áreas indígenas não legalizadas na Pará e Amapá. Das 25 áreas já demarcadas e ou homologadas, 20 estão com problemas que em geral passam por invasões de madeireiros, garimpeiros e outros grupos.

Além disso, os índios reclamam da falta de uma política definida de apoio às nações. O padre explicou que em abril do ano passado o presidente afastado Fernando Collor de Mello, baixou um decreto tirando da União e transferindo aos Estados a competência pela assistência direta aos índios. "Isso até agora não veio na prática. Na verdade o que aconteceu foi que agora nem a União nem os Estados auxiliam os índios", disse padre Ruffaldi.

O índio Manoel Guajajara, do Maranhão, explicou que em sua aldeia falta tudo, desde remédios até merenda escolar para cerca de mil crianças que frequentam a escola. Entre os problemas mais graves dos índios está o envenenamento por mercúrio de grande parte da nação Kaiapó (Gorotire-Kikretum) e Munduruku. O líder Munduruku, Francisco Benedito Akaê, disse que mais de 200 balsas que exploram ouro utilizando mercúrio, entraram na reserva localizada às proximidades do rio Tapajós.

As lideranças apontam ainda como problemática a área dos índios Tembé do Guamá, "cuja terra é invadida pela fazenda Mejer e milhares de posseiros; a área dos índios Arara, do rio Iriri (Cachoeira Seca), em cuja terra há anos a empresa Bannach explora madeira, incentivando a entrada de invasores".

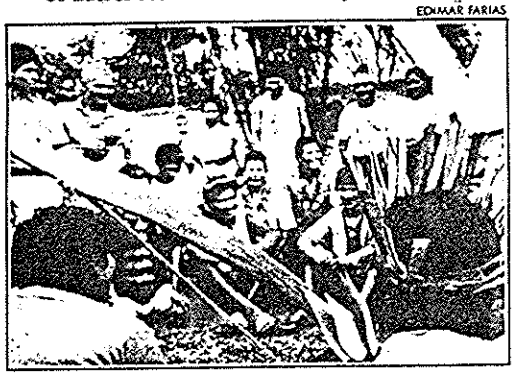
Representantes de entidades promotoras e de apoio à campanha pela demarcação das terras indígenas na amazônia, prepararam um abaixo-assinado a ser entregue ao governador do Estado e secretarias de Educação, Saúde e Agricultura, com reivindicações das comunidades indígenas.

No show de hoje, que terá a participação de negros e movimentos populares, os índios Caripunas farão apresentação da dança da Maré.

EDUMAR FARIAS

Os líderes reclamam da falta de apoio às nações

EDUMAR FARIAS



No Tabor, os índios denunciaram os intrusamentos

Poligamia está na origem das culturas amazônidas

Antônio José Soares

A prática da poligamia é a principal responsável pela incrível semelhança física entre os índios da Amazônia. O pesquisador Gilberto Ferreira de Souza Aguiar, do Departamento de Ecologia e Biologia Humana do Museu Paraense Emílio Goeldi, está estudando essa situação e publicou recentemente na revista "Humanidades", suas primeiras conclusões. Ele observa que essa prática, com a ação dos missionários religiosos e com a limitação populacional dos índios, começa a desaparecer em muitas tribos.

Aguiar adverte que, em muitos casos, essa semelhança é ilusória. "Em alguns casos, tais semelhanças são, de fato, apenas aparentes e não passam de um achado subjetivo, pois, em média, o grau de proximidade biológica interindividual pode não ser elevado na população".

Outras vezes, porém, segundo ele, graças à existência de uma íntima coancestria genética, as semelhanças constituem um efeito concreto podendo, inclusive, ser quantificadas. "Quando real, esta peculiaridade populacional é considerada intuitivamente fácil de entender, uma vez que os elementos da tribo apresentam, via de regra, relações genéticas conhecidas uns com os outros", explica. Sobretudo nos grupos endogâmicos — onde os casamentos ocorrem preferencialmente entre os próprios membros do grupo, sem envolver nativos de outras localidades —, há poucos indivíduos que não se acham interligados por vínculos de parentesco mais ou menos próximos.

"No entanto, os determinantes das similaridades biológicas não são necessariamente tão óbvios como parecem à primeira vista", adverte o cientista. Outros pesquisadores já afirmaram que "os povos indígenas amazônicos apresentam práticas culturais mantidas pela tradição histórica que influem de maneira fundamental sobre as afinidade genéticas e, portanto, as semelhanças físicas entre os membros dos grupos populacionais menores".

Os ianomamis, devido ao longo isolamento e endocruzamento, são apontados por Gilberto Ferreira de Aguiar como um bom exemplo dessa influência, pois apresentam uma variação genética três vezes menor do que uma população européia composta, a despeito de seu razoável tamanho populacional.

Fertilidade dos chefes

Aguiar explica que um fator possivelmente responsável pela alta homogeneidade genética em tribos como a dos ianomami, é o que os biólogos de populações denominam de fertilidade diferencial, um fenômeno causado, quase sempre, pela prática da poligamia, que pode ser poliginica (o homem tem direito a mais de uma mulher) ou poliândrica (a mulher convive com dois ou mais companheiros). Segundo o pesquisador, os casos de poliandria são raros no ambiente cultural amazônico, "mas já foram registrados em circunstâncias especiais em alguns grupos, sob a forma de núcleos biândricos.

A poliginia — já pouco encontrada nos dias atuais, devido a ação dos missionários religiosos, levando ao desaparecimento de núcleos familiares desse tipo — era freqüente em inúmeras tribos por ocasião dos primeiros contatos com a sociedade nacional. "Além dos missionários, limitações populacionais também influenciaram neste sentido", acrescenta.

Citando N. Chagnon e L.L. Betizig, o pesquisador Gilberto Aguiar diz que a fertilidade diferencial resulta do maior sucesso reprodutivo de alguns membros de uma comunidade. Geralmente, chefes e cidadãos de status político elevado. "Isto provavelmente represente um dos mais poderosos fatores de microevolução dos povos primitivos amazônicos. A ocorrência de poligamia acha-se naturalmente associada à fertilidade diferencial, pois possibilita a um indivíduo estar geneticamente melhor representado nas gerações que o sucederem. Dessa forma, ele favorece a diminuição das variações genéticas nas populações".

De acordo com o cientista, em tribos indígenas há outros meios pelos quais semelhante resultado também pode ser atingido, como é o caso das ligações sexuais extraconjungais, desde que resultem em descendência. "Nos grupos ianomami ligações desse tipo são permitidas em casos especiais, embora devam ser mantidas com discrição, sob pena de se deflagrarem situações de tensão dentro grupo. A permissão se dá mais comumente quando um marido julga conveniente que seu irmão ainda jovem ganhe experiência com sua esposa.

Aguiar afirma que, no caso dos Gaviões do Oeste, é também aceita a relação fora do matrimônio entre um homem experiente e a irmã jovem e ainda não casada de sua esposa. "Segundo a literatura etnográfica, ligações extraconjugais clandestinas parecem ser extremamente comuns".

Consangüineidade

Um efeito esperado da fertilidade diferencial, conforme os estudos de Aguiar, é o aumento na freqüência populacional de parentes biológicos próximos, resultando na eleavação do coeficiente de consangüinidade médio do grupo e, portanto, na acentuação das semelhanças físicas interindividuais.

"No caso das populações indígenas, a fertilidade diferencial teria como resultado o fato de que uma pequena parte importante dos elementos constituintes de uma geração estará ligada entre si através de um único ascendente da geração imediatamente anterior (geralmente representado pelo pai), ao invés de dois (pai/mãe e irmão/irmã)".

A poligamia — e reprodução proporcionalmente alta — dos chefes indígenas, assinala Gilberto Ferreira de Souza Aguiar, leva a uma variância do número de filhos vivos mais elevada entre os homens do que entre as mulheres. " Isso acontece, por exemplo, entre os Xavantes, investigados na década de sessenta, em que três homens (menos de 5% da população masculina com idade igual ou superior a 40 anos) eram pais de 43 pessoas, o equivalente a quase 20% do total de descendentes das famílias estudadas".

Nesta tribo, cerca de 70% dos descendentes vivos (dados de 1967) resultavam de uniões poligâmicas. "Seis homens com quatro ou cinco esposas tiveram 57 filhos, uma média de 9,5 por homem". Na aldeia São Domingos, revela o pesquisador, apenas um homem, o chefe Apoen, foi responsável por cerca de 30% dos filhos sobreviventes dos diversos casamentos do subgrupo. "No sul do Orinoco, numa aldeia Ianomami, houve ainda um caso mais interessante do ponto de vista genético: dois terços da aldeia eram descendentes lineares de somente dois homens.

Para o pesquisador, contribui para aumentar o coeficiente de consagüinidade entre os indígenas o fato de que, não raro, o núcleo poligínico é constituido por mulheres geneticamente relacionadas, geralmente irmãs — neste caso, trata-se de poligamia sororal — ou primas.

"Isto torna seus progênios um conjunto ainda mais homogêneo em termos de características biológicas. Pessoas que em outras situações culturais certamente estariam sob a condição de primos em 1° grau, com coeficiente de consagüinidade apenas mediano (0,125%), podem assim conquistar o status genético de quase irmãos completos — ou full sibs — com coeficiente de consagüinidade elevado (em torno de 0,375%), três vezes maior que o de primos, caso se trate de poligamia sororal", explica.

Aguiar enfatiza que a fertilidade diferencial não exclui a participação da maioria dos homens às gerações subseqüentes, pois, "nas comunidades indígenas da Amazônia, é raro que um homem permaneça solteiro por tempo indeterminado. Normalmente, há o aproveitamento do potencial reprodutivo do grupo".